

SIGRID UNDSSET  
**SIGURD**

E OS SEUS BRAVOS COMPANHEIROS

TRADUZIDO DO ORIGINAL INGLÊS POR  
CARLOS GRIFO BABO



## I



arl, o *Queimador*, assim chamado porque queimou os bosques do lugar onde se estabeleceu, semeou centeio nas cinzas, fez sementeiras e criou gado, vacas, ovelhas e cavalos. Vivia tão longe das habitações de outros seres humanos, que o seu filho Vilmund cresceu até ser homem sem nunca ter visto ninguém, além do pai e da mãe.

Quando Vilmund estava perto dos dezoito anos, voltou certa noite da sua caçada. Foi sentar-se aos pés da mãe e disse:

— Hoje vi o mais belo animal dos bosques. Estava lá em baixo junto ao ribeiro, debaixo duma

falésia. O animal caminhava sobre as patas de trás, como nós fazemos, e tinha uma juba que parecia a luz do sol e lhe caía quase até aos pés. Era mais agradável olhá-lo que a uma corça branca como o leite ou como ao mais rápido dos gamos. Fazia um ruído mais doce que a canção do tordo dos bosques ou que o arrulhar das pombas. Querida mãe, eu podia ter abatido aquele belo animal com uma seta, mas achei que tinha de o apanhar vivo e tentar amansá-lo, ou nunca mais voltaria a ser feliz. Mas, quando tentei aproximar-me dele, deu por mim e fugiu. As suas pegadas, na areia junto ao ribeiro, pareciam as pegadas dum ser humano, só que mais pequenas e mais estreitas.

Rindo alegremente, a mãe disse-lhe:

— Querido filho, julgo que foi uma boa coisa não teres usado a corda do teu arco, nem arremessado a tua lança contra o animal com uma juba como a luz do sol, porque acho que o animal que tu espreitaste junto ao ribeiro era uma donzela.

— Mãe, que espécie de animal é uma donzela?

— Filho — disse a mãe, rindo ainda mais alto —, eu era uma donzela até casar com o teu pai.

— Minha doce mãe — disse Vilmund —, e se eu apanhasse aquela linda donzela da juba como a luz do sol, poderia também casar com ela e mantê-la sempre comigo, como o meu pai te teve a ti ao seu lado, todos os dias da minha vida?

— Certamente, filho — replicou a mãe —, se a donzela te aceitasse para seu marido.

Mas quando a mãe contou a Karl, o *Queimador*, a aventura que Vilmund tivera junto ao ribeiro, Karl disse:

— Parece-me que é a altura de o nosso filho nos deixar e ir aprender alguma coisa sobre a vida fora deste ermo.

E assim, na manhã seguinte, o pai falou com Vilmund, dizendo:

— Filho, antes de vir viver neste bosque, eu era um cavaleiro e a tua mãe a filha de um

conde. Como os pais dela ma recusaram dar em casamento, fugimos e instalámo-nos aqui. Mas agora crescestes, és um homem, e é altura de regressares ao mundo para aprenderes as maneiras dos homens nobres, para viveres como é próprio de um jovem bem nascido e de alta linhagem. Ensinei-te a montar o teu cavalo e a manejar as tuas armas, a ter modos cortes e linguagem delicada. Recordarás tudo isto quando nos tiveres deixado para conseguires a tua própria fortuna através de feitos destemidos e viris.

De um armário, Karl trouxe belas roupas, apropriadas para um jovem nobre, e armas e armadura da melhor qualidade. Escolheu a mais rápida e bela montada da sua cavaliça e Vilmund preparou-se para partir na sua demanda. Ao dizer adeus à mãe, ela disse-lhe:

— Filho, nunca recuses um desafio. Combate leal e corajosamente quem quer que te dê batalha. Mas, quando tiveres vencido o adversário,

sê cortês e afável para com ele, como é correcto entre cavaleiros nobres.

E assim Vilmund cavalgou para longe e durante três dias seguiu o ribeiro através das florestas, mas nunca encontrou rasto da donzela. Na tarde do terceiro dia, chegou à orla dos bosques e ali deparou-se-lhe uma maravilhosa visão. Pareceu-lhe que a planície estava salpicada de cogumelos gigantes, brancos, e havia homens a moverem-se por ali – tantos como formigas num formigueiro. Pouco depois, um homem jovem e elegante, esplendidamente vestido e armado, cavalgando um alto corcel branco, aproximou-se dele e bradou:

— Estranho, quem sois e o que fazeis aqui?

— Senhor — retorquiu Vilmund —, isso é um desafio?

— Talvez — disse o cavaleiro —, a não ser que me digais ao que vindes!

— Bem, se me desafiáis, combater-vos-ei — replicou Vilmund.

E assim os dois jovens donairosos empunharam as suas lanças e carregaram, e em breve Vilmund fazia tombar da sela o seu adversário. Saltou logo da montada, ajudou o outro a levantar-se e disse com a maior afabilidade:

— Caro senhor, não me queirais mal. A minha mãe disse-me que nunca ignorasse um repto, pelo que eu tinha de vos combater. E agoraizei-me o que poderei fazer por vós, a fim de demonstrar a minha amizade e cortesia.

— Não há dúvida — comentou o outro —, que sois um jovem bem estranho. Donde vindes vós?

— O meu lar é nos bosques cerrados, três dias a cavalo daqui — respondeu Vilmund. — Vivia lá com meu pai e minha mãe, mas disseram-me que chegara a altura de eu ir pelo mundo, aprender os costumes dos homens. E vós, cortês senhor, sois o primeiro homem que alguma vez encontrei, além de meu pai. O meu nome é Vilmund, filho de Karl, o *Queimador*.

Após o que o desconhecido, algo surpreso, se riu e disse:

— Sem dúvida que vos deveríeis chamar Vilmund Vidutan, posto que fostes criado sem nada conhecer senão o mais bravio dos bosques.

Depois convidou Vilmund a acompanhá-lo à sua tenda, onde os criados lhes trouxeram comida e vinho. Disse então a Vilmund que o seu nome era Gujamar e que era filho do rei da Boémia. E que, enquanto estivera ausente numa peregrinação ao Santo Sepulcro, Sultão, rei de Cartago, entrara em guerra contra o seu país, matara o seu pai e ordenara que Solbra, sua irmã, cuja fronte era tão brilhante e bela como o Sol, fosse entregue nas suas mãos. Todos os condes, barões e cavaleiros do reino que tinham sobrevivido aos combates se dirigiram para a fortaleza onde Solbra vivia, para defenderem a sua princesa. Porém, Koll Kroppinbak, o escravo, dera entrada no castelo a Sultão e aos seus guerreiros por uma passagem secreta. Enquanto os homens



heróicos da Boémia combatiam os intrusos, a ama de Solbra manchou a pele da princesa com óleo de casca de noz e os seus cabelos doirados com fuligem e água e, vestindo-a como uma mendiga, fugira com ela do castelo. Mas Koll Kroppinbak tinha vestido Oskebuska, a jovem escrava, com os vestidos e as jóias de Solbra e entregou-a ao confiante Sultão, que ficou muito satisfeito com a sua noiva. E assim, agora, aquele vil pagão era senhor do domínio de Gujamar e Oskebuska sentava-se a seu lado, ao mesmo tempo que o traidor Koll Kroppinbak se tornara o senhor mais poderoso daquelas terras. Gujamar viera com um exército para montar cerco ao reduto do traidor e dos impostores. De modo que Vilmund se aliou jubilosamente ao seu recente amigo, oferecendo-se para combater por ele.

Mas Gujamar disse que, logo que tivesse reconquistado o seu reino, partiria em busca da sua imã, Solbra. E falou a Vilmund da sua bondade e beleza, e cantou uma canção que ela